

IRMANDADES NEGRAS

META

Apresentar ao aluno uma das possibilidades de vivência religiosa dos africanos e seus descendentes no Brasil

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

pontuar algumas características da conversão dos africanos nos Reinos de Angola e Congo;
analisar o papel das irmandades negras no Brasil e o que elas possibilitaram aos africanos

PRÉ-REQUISITOS

Noção do conceito de cultura, identidade cultural e de diáspora africana



Irmandade da Boa Morte, na Bahia, constituída apenas por mulheres.
(Fontes: <http://www.culturabaiana.com.br>)

INTRODUÇÃO

Em 2003, conforme já foi mencionado, foi aprovada a lei 10639/03 que tornou obrigatório o ensino de história da África e cultura afro-brasileira. Esta disciplina que vocês estão cursando é um dos frutos da citada lei e das diretrizes. E em 2004 foram elaboradas as diretrizes curriculares para o ensino de história da África e cultura afro-brasileira. Dentre os conteúdos sugeridos nessas diretrizes está o tema que abordaremos nesta aula, as irmandades negras. Assim, após vocês perceberem que os estudos de cultura afro-brasileira têm uma história, iremos discutir o papel que as irmandades de negros tiveram no Brasil Colonial e Imperial. Ou seja, começaremos a entrar no universo de temas que foram estudados pelos intelectuais citados. Inicialmente pontuaremos alguns elementos da conversão dos africanos ao catolicismo, pois muitos africanos chegaram ao Brasil com uma experiência dessa prática religiosa, em seguida abordarei as irmandades de negros em Portugal, seguidas pelas do Brasil e por fim pontuaremos sobre as irmandades negras sergipanas.

Há diversos trabalhos no cenário nacional que tratam das irmandades. E os mesmos possuem diversas interpretações sobre as mesmas. Para alguns pesquisadores as irmandades contribuíram para incentivar o ideal do escravo obediente e submisso, como também para o processo de aculturação do escravo, já que os que faziam parte das mesmas teriam assimilado os valores dos brancos. Para outros intelectuais as confrarias dos negros contribuíram no processo de resistência cultural dos africanos pois as citadas irmandades se transformaram em espaços onde ocorriam manifestações culturais dos mesmos e dos seus descendentes. Também há intelectuais que veem nas irmandades um espaço ambíguo, pois através delas a Igreja queria controlar os negros, todavia, os mesmos resistiram; por fim, há estudiosos que veem as citadas associações como espaços de sociabilidade dos negros e que permitiram a construção de novas identidades que mantinham elementos africanos, associando a novos signos identitários adquiridos na diáspora.



A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos foi um dos canais de apoio à população negra do período colonial.
(Fonte: <http://mundoafro.atarde.com.br>)

Enfatizamos que Irmandades eram associações de leigos que tiveram sua origem na Europa, mas que foram levada, ao continente africano pelos portugueses e posteriormente vieram para as Américas. Essas associações tinham funções espirituais e sociais. Para trabalharmos as irmandades, faremos o seguinte percurso: inicialmente, abordarei as irmandades na África Central e em Portugal, em seguida no Brasil e, por fim, trataremos dessas associações em Sergipe.

AS IRMANDADES NA ÁFRICA CENTRAL E EM PORTUGAL

A religião foi uma das principais mediadoras para o contato entre portugueses e africanos. No ano de 1485, o português Diogo Cão desembarcou no rio Zaire; e ao retornar a Lisboa, levou alguns negros a fim de que os mesmos pudessem conhecer Lisboa e se tornassem divulgadores da cultura portuguesa. O retorno desses negros é marcado por novas vestimentas, língua, e até a fé, marcando o início da conversão dos soberanos do Congo ao catolicismo. (SILVA, 2002)

Segundo alguns cronistas, esses retornados foram bastante festejados, pois, para a maioria dos povos da África Central, o oceano separava o mundo dos vivos daquele dos mortos. Após esse feito tido pelos congueses como divino, o Mani Congo decidiu enviar uma embaixada ao Rei de Portugal para manifestar sua disposição em aceitar a nova religião; sendo o primeiro congues a ser batizado na terra natal, com o nome de Manuel e logo após sua família. O próprio Mani, quis primeiro batizar sua família para depois estender aos seus súditos o rito cristão; contudo, antes de permitir aos seus subordinados o acesso à iniciação dos brancos, as elites conguesas fizeram questão de garantir sua primazia e, portanto, autoridade sobre o novo culto. Tentando monopolizar a propagação do catolicismo e controlar a ação dos missionários. (SILVA, 2002; SOUZA, 2002)

Os soberanos do Congo acreditaram que os novos ritos e os novos objetos sagrados fortaleciam seus poderes; já que concebiam o mundo dividido entre os vivos e os mortos, e o oceano como o divisor desses mundos. (SILVA, 2002; SOUZA, 2002)

Sobre os sacerdotes portugueses é possível que quisessem assumir o lugar dos ngangas. A presença de sacerdotes era indispensável para realização de alguns ritos fundamentais para legitimação pública do poder dos soberanos. Neste aspecto, os soberanos do Congo não escondiam sua preferência pelos sacerdotes, que, por esta razão também ficaram conhecidos como “ngangas-reais”. Entretanto, a aceitação ao catolicismo, pelos congueses não foi tão bem-sucedida assim, pois aceitavam alguns sacramentos como o batismo e outros como o do matrimônio era rejeitado. A razão da rejeição era o fato do matrimônio implicar na monogamia que não era uma prática

aceita entre os congueses que praticavam a poligamia. Assim, os ritos do catolicismo foram selecionados pelos congueses. (REGINALDO, 2005)

Centenas de missionários alcançaram a costa e os sertões dos reinos do Congo e Angola, nos séculos XVI e XVII; aumentando a propagação do catolicismo na África Central, inicialmente pelos padres da Companhia de Jesus, depois os franciscanos, carmelitas descalços e os capuchinhos. Entretanto, foram os Jesuítas e os Capuchinhos os pioneiros na elaboração de vocabulários, gramáticas e catecismos *kikongo* e *kimbundu*, os mesmos tinham o interesse na difusão da mensagem cristã e, por conseguinte, da cultura europeia dominante. (REGINALDO, 2005)

Com relação aos objetivos missionários, a Companhia de Jesus não foi um exemplo de sucesso. Em suas primeiras missões os jesuítas foram denunciados por súbito enriquecimento dos padres, supostamente envolvidos no tráfico de escravos e outras atividades igualmente alheias aos seus objetivos missionários; A segunda missão jesuítica, enviada no ano de 1552, também não obteve grande sucesso. A resistência do Mani Congo, D. Diogo I, em aceitar o casamento monogâmico levou a expulsão da segunda missão jesuíta. (REGINALDO, 2005; SILVA, 2002)

A coroa portuguesa não escondeu que seu interesse primeiro era o tráfico de escravos e a obtenção de minerais preciosos. Por isso em 1575, ordenou que Paulo Dias Novais ocupasse e colonizasse de modo a criar condições para o estabelecimento de uma colônia agrícola para os europeus. Deveria ainda encontrar os caminhos para as minas de prata do interior, controlar o circuito comercial ao sul do Ndongo e estabelecer uma comunidade cristã ao sul do continente. (REGINALDO, 2005)

Após a batalha de Mbwila (Ambuíla, em português), em 1665, e a conseqüente fragmentação do antigo reino de Congo, o trabalho dos missionários tornou-se mais difícil naquela região, logo, as irmandades africanas, sobretudo aquelas cujos patronos foram popularizados no Reino e nas colônias como santos de devoção dos negros. (REGINALDO, 2005)

A primeira fundação urbana europeia no ocidente africano foi em 1576, a vila de São Paulo de Assunção de Luanda que foi elevada a categoria de cidade no ano de 1605. A cidade subdividia-se em duas zonas, uma administrativa – cidade alta - e uma zona comercial – cidade baixa. Na cidade alta se concentrou o centro dos poderes político, militar e religioso da conquista. O palácio do governo, a residência episcopal, a matriz da Freguesia da Sé (Nossa Senhora da Conceição), a Santa Casa de Misericórdia e a maioria dos conventos da cidade. (REGINALDO, 2005)

A cidade baixa abrangia a zona comercial e a periferia da cidade. A maioria de seus moradores era direta ou indiretamente ligada ao tráfico de escravos. No século XVIII, Luanda era uma sociedade mestiça, essa mestiçagem ia além das características físicas da população. A mesma cidade foi o mais importante polo propagador da religião católica na África Central. Neste contexto, associado a precariedade do clero, as irmandades

e confrarias leigas também tiveram seu lugar. Essas irmandades, que em sua maioria tinham devoções marianas ficavam localizadas nos templos seculares, ou em igrejas de conventos. Dentre essas irmandades havia a confraria do Rosário que reunia negros forros e escravos. A irmandade ficava em uma capela particular onde faziam suas festividades, acompanhavam as confrarias dos brancos com seus pendões. Na mesma irmandade havia missas cantadas e danças dos pretos. Em Luanda houve mais de uma irmandade de negros. Segundo Lucilene Reginaldo, as irmandades de Luanda seguiram os critérios das confrarias portuguesas que utilizaram critérios como cor, hierarquia, origem social e geográfica na composição das irmandades. (REGINALDO, 2005)

Entre os séculos XVII e XVIII, o Rosário foi se constituindo numa devoção preferencialmente de negros, ainda em terras africanas. Inicialmente sua devoção não estava vinculada aos negros. Pois também havia brancos devotos da Nossa Senhora do Rosário e a mesma foi a padroeira de dois presídios no interior de Angola. Entretanto, aos poucos a devoção ao Rosário em Luanda passou a ser associada especialmente aos negros cativos e forros. Tratava-se de uma devoção destinada aos africanos inseridos na experiência da escravidão, seja na condição de cativos ou de libertos. Nesse sentido, a devoção ao Rosário entre os negros nasceu vinculada às marcas da conversão do cativo. Mas os brancos também tinham uma devoção ao Rosário.

O culto a Nossa Senhora do Rosário foi difundido pelos padres jesuítas, cujo objetivo era a propagação do Rosário, por ser considerada uma reza eficiente para a cristianização, uma vez que era de fácil assimilação pela população analfabeta. Cultuar Nossa Senhora do Rosário também foi a forma principal de divulgar o culto mariano entre os escravos nos dois lados do Atlântico. (PINTO, 2000) Já para os africanos, tanto em Portugal como nas Américas, a devoção ao Rosário fazia a ligação entre o catolicismo português com as práticas culturais africanas.

Além Nossa Senhora do Rosário, os congueses tinham outras devoções como: São Benedito. Há notícias dessa devoção no século XVII em Luanda. Ele nasceu na Sicília e era filho de pais escravos mouros. No entanto, havia uma lenda que a mãe de Benedito era natural de Kissama, reino de Angola. Assim o local de nascimento juntamente com a cor da pele foram elementos importantes no processo de construção de uma identificação com o santo nas terras africanas. Da mesma maneira ocorreu com Santa Ifigênia ou Efigênia, e Santo Elesbão. Os santos pretos carmelitas os africanos se identificaram com eles por conta da cor. E a ordem religiosa foi responsável pela propagação com desses santos. Todavia, Lucilene Reginaldo defende que a devoção a esses santos ocorreu por conta dos mesmos terem sido incorporados no panteão de divindades locais centro-africanas. Dessa maneira, os santos como os espíritos dos ancestrais podiam socorrer os africanos na solução de problemas temporais específicos. Portanto, os santos

foram incorporados aos símbolos e visões de mundo, o que possibilitou um catolicismo distinto do europeu. Isso foi possível porque havia pontos de semelhança entre o catolicismo e as práticas religiosas centro-africanas, como por exemplo, a crença de contato entre o mundo dos mortos e dos vivos. (REGINALDO, 2005; SOUZA, 2002)

As citadas apropriações africanas do catolicismo ocidental produziram movimentos religiosos tido como “heréticos” pela igreja católica. Já para os africanos foram entendidos dentro de uma lógica de revelações reconhecidas tanto pelo seu caráter santificado, quanto pelas suas inspirações diabólicas. E os mesmos símbolos tinham significados distintos para europeus e africanos. Os portugueses acreditavam que Santo Antônio ajudava nas guerras e na obtenção das vitórias, já os africanos tinham a crença que o mesmo Antônio teria atravessado o Atlântico para retornar para os africanos. Ou seja, alguns elementos do catolicismo foram incorporados e reinterpretados pelos centro-africanos. (REGINALDO, 2005)

Em 1485 alguns africanos foram levados a Portugal, por Diogo Cão. Alguns desembarcaram em Lisboa como homens livres, eram representantes da corte do Mani Congo, embaixadores, parentes da família real; outros para servir de intérpretes, mas a maioria, entretanto, chegou em Portugal na condição de escravos. (SILVA, 2002)

Nos primeiros séculos de contato, os africanos foram primeiro identificados como gentios, ou seja, povos pagãos. No movimento de expansão do catolicismo, os gentios eram povos almeçados pela catequese missionária. Entretanto, à medida que o comércio de escravos africanos fincava raízes no ocidente, a categoria gentio cedeu lugar a termos mais seculares e, portanto, mais apropriados aos novos interesses mercantis. (REGINALDO, 2005)

No final do século XVI, havia em Lisboa escravos africanos de várias procedências, esta grande variedade foi percebida pelos religiosos jesuítas. E a explicação para a pluralidade de grupos africanos era devido as distintas vias de abastecimento de escravos para os mercados ibéricos. As localidades que forneciam escravos variavam de acordo com a época e a conjuntura específica. (REGINALDO, 2005)

Em Lisboa, os escravos eram responsáveis por variadas tarefas, dentre elas a de criados, cozinheiros, ferreiros, serralheiros, alfaiates, aguadeiros, caiadores e marítimos; entre as mulheres, destacavam-se as vendedoras ambulantes de tremoços, mexilhões, favas, bolos e outras iguarias, além das lavadeiras, trapeiras, aguadeiras e calhandreiras, entre inúmeras outras atividades. (REGINALDO, 2005)

A primeira irmandade de negros de Lisboa nasceu na Igreja do Convento de São Domingos. Neste mesmo convento, abrigava-se uma irmandade de Nossa Senhora do Rosário de pessoas brancas, a mesma existia desde o final do século XV. No início do século XVII foi criada outra irmandade do Rosário dos Pretos também abrigada em um Convento, o do Salvador.

Após esse período, até meados do século XVIII, os negros em Portugal instituíram mais três confrarias: a do Rosário a Resgatada, no Convento da Trindade, N.S. do Rosário dos pretos, no Convento da Graça e, finalmente, outra confraria sob a invocação de Jesus, Maria, José, no Convento de Jesus, dos religiosos franciscanos. (REGINALDO, 2005)

O surgimento das confrarias de negros expressa o crescimento da população em Portugal, e, sobretudo, a importância que este tipo de associação foi adquirindo entre os africanos e seus descendentes no Reino. As irmandades de negros não estiveram restritas a Lisboa. Foram criadas em todas as localidades que concentraram populações de origem africana. (REGINALDO, 2005)

A festa do Corpo de Deus era um momento importantíssimo do ponto de vista cívico e religioso nos municípios portugueses. Na procissão desfilavam todas as irmandades formalmente constituídas, além da câmara e membros de diversos corpos militares; as irmandades de escravos e forros, à semelhança das irmandades de brancos, também cumpriam um papel religioso e de ajuda mútua. A importância e a forma do exercício de poder protagonizado pelas confrarias negras parecem ter sido o grande diferencial em relação às confrarias dos brancos. (REGINALDO, 2005)

Contudo, independentemente da invocação, as irmandades de negros em Portugal foram lugares de proteção e apoio jurídico dos irmãos escravos e libertos; se transformando em um conforto para muitos.

Nossa Senhora do Rosário passou a ser uma das principais invocações do movimento de conquista e conversão dos gentios, esse sucesso explica-se, num primeiro momento, pelo destaque desta invocação nas atividades missionárias. Posteriormente, os próprios africanos e seus descendentes parecem ter reconhecido nas irmandades dedicadas à senhora Mãe de Deus, com a invocação do Rosário, um espaço próprio e reservado para os mesmos. Entretanto, alguns sacerdotes no continente africano passaram a ser chamados de Nganga, o nome dado aos sacerdotes, e seus santos nomeados de **minkisi**. Assim, uma possibilidade é que os africanos transformaram o Rosário em um minkisi como fizeram com outros objetos do cristianismo. (REGINALDO, 2005; SOUZA, 2002)

Minkisi

Plural de nkinsi, objetos mágicos utilizados em ritos religiosos, utilizados pelos ngangas em serviços privados e comunitários.

IRMANDADES NEGRAS NO BRASIL

No Brasil não foi distinto do que ocorreu em Portugal e na África. A Igreja Católica incentivou a criação de irmandades no Brasil a fim de cristianizar os africanos, pois não havia um número suficiente de pessoas no clero para essa empreitada. Essas irmandades começaram a ser criadas no Brasil no século XVII, expandiram no XVIII e entraram em declínio na segunda metade do século XIX. O século XVIII foi o momento de ápice do tráfico atlântico, ou seja, possivelmente o aumento no número de afri-

canos contribuiu para a expansão no número de irmandades. Na Salvador (Bahia) setecentista havia irmandades de negros em todas as freguesias. O século XIX é marcado dois eventos importantes: a interrupção do tráfico e a abolição. Ambos devem ter contribuído para a decadência da citada instituição. As primeiras irmandades dos negros no Brasil que tinham como devoção o Rosário são as de Belém, 1682, Rio de Janeiro, 1639, e Salvador em 1685. As irmandades eram mais frequentes nos grandes centros urbanos, mas algumas estavam localizadas nas pequenas vilas e ainda nas capelas de fazendas e engenhos. (REGINALDO, 2005)

A grande devoção dos negros no Brasil foi Nossa Senhora do Rosário. Um exemplo disso é o fato O segundo santo preferido pelos pretos foi São Benedito e na Bahia foi o lugar que ele encontrou maior popularidade, em 1684 já havia irmandade que possuía o Santo Preto como padroeiro. Ratificamos que as ordens religiosas foram fundamentais na propagação de alguns cultos, e o culto a São Benedito coube aos franciscanos. Algumas irmandades que homenageavam esse santo estavam em conventos franciscanos, a exemplo do de Salvador e do Bom Jesus em São Cristóvão. Segundo Reginaldo, durante o século XVIII as irmandades de São Benedito ficaram mais independentes dos conventos dos franciscanos, pois é possível encontrar na Bahia irmandades em igrejas seculares. (REGINALDO, 2005)

Outros santos cultuados pelos africanos e seus descendentes foram Santa Efigênia, Santo Elesbão, Santo Antônio do Categeró e São Baltazar. A identificação dos negros com esses santos ocorria conforme já foi mencionado por conta da cor, mas também por conta dos sofrimentos que os mesmos tiveram. (BOSCHI, 1986) Além das razões citadas, esses santos foram interpretados como objetos mágicos e como ancestrais valorizados no mundo dos brancos. E por fim, o trabalho das ordens religiosas para expandir a devoção a esses santos. (REGINALDO, 2005)

Nas irmandades havia um estatuto e nele ficava explícito quem podia participar da confraria, se homens e mulheres, africanos e quais nações, enfim o estatuto apontaria a nacionalidade, a condição jurídica, a cor, o sexo das pessoas que poderiam participar das irmandades. Dentre as finalidades da associação também ficavam explicitadas nos estatutos, dentre as finalidades era comum constar a ajuda mútua, a confraria ajudava o irmão e/ou a família do mesmo, caso o irmão adoecesse, ficasse em miséria, ou morresse. Neste momento a irmandade assumia uma grande importância. Dentre as mais importantes finalidades das irmandades estava a de cuidar dos sepultamentos dos irmãos. No século XIX, algumas delas tinham cemitério, e a maioria tinham um jazigo em algum cemitério. Outro objetivo era organizar a festa da padroeira da irmandade, as festas eram um momento importante das confrarias. E por fim, em algumas irmandades de homens pretos constava comprar a alforria dos irmãos dentre outros. (QUINTÃO, 2000)

Ratificamos que no Brasil, como também era em Portugal, as irmandades eram organizadas de acordo com o ofício dos irmãos e da cor da pele. Assim

tínhamos irmandades dos brancos, pardos e negros. E dentre as dos negros tínhamos as irmandades dos africanos. Salientamos que as irmandades de africanos no Brasil no século XVII e parte do XVIII se organizavam de acordo com a nação africana. Assim havia irmandades que só aceitavam os de nação de Angola, ou os Mina. Algumas dessas irmandades rivalizaram entre si, por conta de antigas rivalidades, e em outras situações construíram alianças. Ressaltamos que o termo nação usado pela nova historiografia não carrega consigo a idéia de transplante da África, ou seja, a nação Angola no Brasil corresponde a nação Angola africana. Mas sim a noção de uma identidade imposta por africanos e assumida pelos africanos, que construíram uma identidade baseada em valores e vivências comuns, nesses elementos incluem-se os símbolos africanos e os adquiridos na experiência do tráfico e da escravidão. Dentre os pesquisadores que trabalham nessa perspectiva temos Maria Inês Cortês de Oliveira, Marisa Soares, João José Reis dentre outros.

No Rio de Janeiro havia rivalidades entre as irmandades de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito que era dos angolas, a de Santo Elesbão e Santa Efigênia dos maki e a de São Domingos que pertencia aos pretos da Guiné. Na dos Maki não aceitava as mulheres angolas, nem as nascidas no Brasil. Todavia, nessas irmandades também foram construídas relações inter-étnicas, sobretudo no século XIX. A irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Salvador, por exemplo, passou a aceitar homens e mulheres de outras nações no período mencionado. (SOARES, 2002; REGINALDO, 2005) Nessas confrarias foi possível construir uma identidade comum, negra ou de nação, mantendo alguns valores de práticas africanas e somando a algumas adquiridas no Brasil.

As Irmandades do Rosário que os angolas tiveram privilégios na ocupação dos cargos foram as primeiras e majoritárias na Bahia e em Pernambuco. Em algumas irmandades eles não excluía outros grupos de serem irmãos apenas mantinham o privilégio étnico. (REGINALDO, 2005) Ou seja, alguns cargos, os estratégicos eram ocupados pelos angolas e crioulos. Lembrando que muitos dos africanos provenientes da África Central, reinos de Angola e Congo, chegaram no Brasil com uma experiência católica, porém distinta da dos portugueses. Outro motivo é devido ao fato dos angolas terem sido os primeiros a chegarem no Brasil via tráfico Atlântico.

Além das restrições de cor, nação no caso das irmandades dos africanos, ofício e sexo, para ser irmão teria que cumprir algumas obrigações como pagar uma jóia de entrada, mais as anuidade, além de frequentar as missas, ir aos sepultamentos dos irmãos, participar da festa da padroeira e assumir os cargos que fosse eleito. Cumpridas essas obrigações o irmão estaria amparado pela associação.

As irmandades eram administradas através de diversos cargos, dentre eles juizes, procuradores, escrivães, tesoureiros e mordomos. Esses cargos



São Elesbão

eram eleitos anualmente e as eleições eram momento de grande tensão. Possuir cargo na irmandade era sinal de prestígio na comunidade negra. Em algumas irmandades, esses dirigentes deveriam ser libertos, pois teriam mais tempo para dedicar-se à irmandade e possuíam autonomia para organizarem o mesmo. No entanto, na irmandade do Rosário dos Pretos do Pelourinho escravos e livres podiam ocupar cargos. (REGINALDO, 2005)



Fotografia a igreja da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho

O cargo que possuía maior destaque nas confrarias era o de juiz ou em algumas irmandades o de juiz-presidente. A ele cabia convocar a mesa diretora, fiscalizar o tesoureiro e o escrivão, bem como as outras funções. Estar presente em todas as festas de padroeiras, como também em todos os enterros dos irmãos. Ou seja, o principal responsável pelo êxito da irmandade era o juiz. (REGINALDO, 2005)

Os cargos de tesoureiro e escrivão das irmandades negras eram exercidos por brancos. Essas funções exigiam que os mesmos tivessem certo domínio da língua portuguesa e da matemática, como também que tivessem alguns bens, pois caso fosse necessário essas pessoas socorreriam as irmandades. E poucos negros eram alfabetizados, lembrando que no Brasil

Imperial tinha uma legislação que proibia os escravos de estudarem. Cabia ao tesoureiro administrar os bens, anuidades e esmolas da irmandade. Os últimos eram anotados no livro de receita e despesas que cabia também ao escrivão. (REGINALDO, 2005)

Mordomos e procuradores eram os cargos responsáveis pela organização das igrejas e da festa da padroeira. Na irmandade do Rosário dos Angolas do Pelourinho as mulheres ocupavam esse cargo. Nas irmandades negras as mulheres eram aceitas e tinham uma participação efetiva diferentemente das irmandades dos brancos que as mulheres não eram aceitas ou tinham uma participação limitada. Essa participação das mulheres nas irmandades negras tem várias razões, o papel que as mulheres tinham em algumas comunidades centro-africanas, como também devido ao mercado matrimonial, pois os homens africanos eram maioria em relação às mulheres africanas. Por isso eles precisavam de estratégias para adquirir as núpcias. Na Irmandade do Rosário dos Homen Pretos do Pelourinho elas chegaram a ser maioria. (REGINALDO, 2005)

Na entrada das irmandades os irmãos tinham que pagar uma taxa para entrarem, e em muitas uma espécie de anuidade. Para alguns pesquisadores, quem pagava algumas dessas taxas para os novos irmãos que possuíam a condição de escravos era o seu senhor. Esse dinheiro permitiria cumprir as funções da irmandade como, por exemplo, preparar a festa da padroeira ou padroeiro, ou ainda para comprar a alforria se fazia necessária uma quantidade de dinheiro e esse era coletado nas irmandades através de doações, bolsas dos santos, esmolas, anuidades dos irmãos dentre outras formas. (REGINALDO, 2005). As festas eram um momento de suma importância para os irmãos. As irmandades, através das suas missas, enterros e festas possibilitavam que os seus irmãos tivessem uma sociabilidade e até mesmo momentos de lazer. Em suma, através das irmandades os irmãos tinham apoio material e espiritual.

IRMANDADES NEGRAS NAS TERRAS SERGIPANAS

Em Sergipe também existiram algumas irmandades de negros. Até o momento, foram encontrados registros de 17 Irmandades do Rosário organizadas por pretos, ressaltamos que poucas delas foram estudadas. Dentre as Vilas e cidades que tinham as irmandades temos: Santo Amaro, São Cristóvão, Divina Pastora, Santa Luzia, Estância, Neópolis, Laranjeiras, Brejo Grande e Rosário do Catete que tinha duas. Boa parte das principais vilas da Província possuía irmandades negras e, da mesma maneira que no Brasil, a devoção ao Rosário foi a mais comum, segundo Vanessa Oliveira a irmandade localizada de São Cristóvão possivelmente foi criada no século XVII. (OLIVEIRA, 2008). No entanto, diferentemente da Bahia, acreditamos que a expansão das irmandades nas terras sergipanas ocorreu no final do século XVIII e no decorrer do XIX, pois nesse período a vida urbana em Sergipe fica mais intensa, os templos são construídos, como também é o período que

temos um aumento no número de africanos entrando nas terras sergipanas.

O segundo santo mais popular nas terras sergipanas também foi São Benedito. Havia irmandades que tinham a sua devoção em São Cristóvão, Laranjeiras, Santa Luzia e em Aracaju. Essas irmandades eram agregadas às do Rosário devido ao fato dos poucos recursos que a população negra possuía para construir capelas, como também pela afinidade dos seus devotos. Com o decorrer dos anos essas irmandades se fundiram às do Rosário com exceção da irmandade da capital. Outras devoções que encontramos entre a população negra em Sergipe foram Santa Efigênia, São Baltazar e Nossa Senhora da Boa Morte. (OLIVEIRA, 2008; SANTIAGO, 2009; SANTOS, 2002)

As atribuições das irmandades nas terras sergipanas não foram distintas das que foram citadas. A função que se refere a ajuda na compra de alforrias, em Sergipe apenas a Irmandade de Santa Luzia ajudaria os irmãos na obtenção da sonhada manumissão. (OLIVEIRA, 2008)

Salientamos que a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Lagarto, no século XIX, segundo o estatuto aprovado em 1874, aglomerava escravos, libertos e livres, estes possivelmente pobres. Infelizmente, não foi possível mensurar a intensidade das participações de cada uma dessas categorias, pois o Livro de Registro de Entrada na Irmandade não foi localizado. Além dos escravos irmãos havia outros que não eram da organização, mas que se faziam presentes à Igreja, realizando pequenos reparos. A irmandade reunia as pessoas e a igreja se transformava num espaço de sociabilidade. Todavia, na mesma vila havia uma irmandade no século anterior que mencionava ser de homens pretos. Assim, desde o século XVIII que os homens e mulheres negros que viviam em Lagarto participavam de uma confraria dedicada a Nossa Senhora do Rosário. E no século XIX a irmandade que existia possuía uma festa a de São Benedito que era tida como a festa dos negros. (SANTOS, 2002)

A irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens pretos de São Cristóvão possuía uma capela construída no século XVIII. Possuir uma capela mostrava organização, recursos, boas relações com a Igreja e uma grande capacidade de conseguir confrades. Na mesma confraria, segundo o estatuto do século XIX, não havia restrições a participação de nenhum grupo, inclusive as mulheres podiam ocupar cargos estratégicos, diferentemente de algumas irmandades negras baianas. No entanto, alguns cargos da confraria só eram permitidos aos africanos de nação angola e aos crioulos, da mesma maneira que em algumas irmandades na Bahia. Para Vanessa Oliveira, isso mostra que os mesmos tinham um papel importante na irmandade e possivelmente foram os fundadores da Confraria, bem como os majoritários em Sergipe. (OLIVEIRA, 2008) Acrescentamos que a restrição na ocupação de alguns cargos foi uma estratégia dos angolas para permanecerem no poder.

Na segunda metade do século XIX, para ser um irmão do Rosário em São Cristóvão teria que pagar dois tostões no ato da entrada e quatro vinténs anualmente na ocasião da festa da padroeira. Essa irmandade tinha outras maneiras de arrecadação como o acompanhamento no enterro de pessoas

que não faziam parte da associação, doações de irmãos e de pessoas que não faziam parte da irmandade, ou ainda o aluguel da esquife e da cruz. (OLIVEIRA, 2008) Ressaltamos que o acompanhamento de não irmãos no sepultamento era feito por outras irmandades como forma de arrecadação, a exemplo da irmandade de Lagarto bem como receber doações de pessoas que não faziam parte da associação, algumas delas da elite como o Tenente Coronel Francisco Basílio dos Santos Hora e Geraldo José da Rocha. Doações como essas contribuíram para o término da construção da Capela e suas inúmeras reformas. A irmandade de Lagarto contava ainda com doze mordomos, cuja função era pedir esmolas e assim arrecadar dinheiro para a festa da padroeira. (NASCIMENTO, 2009; SANTOS, 2002)

Na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São Cristóvão o dinheiro arrecado também servia para fazer reparos na Igreja, além de comprar bens para a Irmandade, ornamentar a capela, organizar a festa da padroeira e assistir aos irmãos. Esses eram assistidos na doença e na morte, pois tinham um enterro digno juntamente com o seu cônjuge, mais cinco missas, além dos sacramentos. Os irmãos eram enterrados com hábitos brancos ou bornél. Alguns deles foram sepultados no interior da capela da Confraria de São Cristóvão, possivelmente os que tinham ocupado cargos na irmandade, e algumas crianças, possivelmente filhos de irmãos também foram enterradas no interior da capela. Outros irmãos foram enterrados no cemitério da Santa Casa de Misericórdia, que era o público da cidade onde possivelmente a irmandade tinha um jazigo. (OLIVEIRA, 2008)

Em suma, em Sergipe assim como no Brasil, os africanos e principalmente seus descendentes faziam parte de irmandades e através delas tiveram espaços de sociabilidade, de ajuda mútua e construíram suas identidades.



Igreja N. Sra. do Rosário São Cristóvão/ SE
Acervo pessoal

CONCLUSÃO

Depois dessa longa viagem através das irmandades na África Central, em Portugal, no Brasil e em Sergipe podemos concluir que essas associações tanto no Brasil, como em Sergipe possibilitaram aos negros (re)construírem suas identidades utilizando os valores africanos e os adquiridos na experiência da escravidão. Também possibilitou a esses africanos e seus descendentes se integrarem na sociedade, terem laços de solidariedade. Esses permitiram resistir às perseguições e aos preconceitos. Por fim, essas irmandades também possibilitaram momentos de lazer, através das suas festas que serão abordadas na aula seguinte.

RESUMO



Alguns africanos iniciaram sua experiência com o catolicismo ainda em terras africanas. No entanto, esse catolicismo vivenciado por esses africanos, sobretudo, os da África Central, reinos de Angola e Congo, foi distinto do catolicismo português. Essa experiência dos africanos foi levada para Portugal quando os mesmos se tornaram cativos lá, no entanto, nas terras portuguesas foram acrescentados outros elementos. A devoção aos santos foi difundida por ordens religiosas, e entre os santos preferidos dos africanos estavam Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e Santo Elesbão. Os motivos para a preferência desses santos é devido a cor, no caso dos três últimos, as origens dos mesmos e, por fim, as agruras que os mesmos passaram.

No Brasil e em Sergipe, as irmandades utilizavam o critério da cor como fronteira entre as irmandades, e algumas usavam além desse o de nação e o de ofício. A devoção a Nossa Senhora do Rosário foi a mais frequente entre os negros, seguida por São Benedito. As irmandades negras no Brasil existem desde o século XVII e tiveram seu auge no século XVIII. Essas irmandades tinham diversas funções, desde o auxílio mútuo à compra de alforrias, no entanto, essa finalidade foi mais rara. Essas irmandades tinham uma organização e suas festas. Para organizarem as irmandades havia diversas funções, cada uma com suas atribuições. Por fim, essas associações permitiram aos africanos e seus descendentes re(construírem) suas identidades, possuírem laços de solidariedade e ter momentos de lazer.

ATIVIDADES

1. As irmandades negras no Brasil tiveram diversas funções. Escreva um texto pontuando as diversas finalidades das irmandades negras e aponte outras funções que elas atingiram mas que não eram previstas nos estatutos.
2. Alguns santos tornaram-se preferidos entre a população negra. Essas preferências começaram ainda no solo africano. As razões para a preferência de alguns santos são diversas. Cite os santos preferidos pelos africanos e seus descendentes em todos os continentes e as razões para essa predileção.
3. Comumente há uma associação entre religiosidade afro e candomblé, as irmandades dificilmente são associadas a uma vivência religiosa dos africanos, seus filhos e netos. Depois da leitura da aula, reflita e aponte a(s) razão(ões) para a citada associação, ou seja, entre religiosidade afro e candomblé.

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

Após a leitura da aula e a feitura das atividades o aluno deverá saber o que é uma irmandade, e suas atribuições estatutárias. Atente que as irmandades segundo alguns historiadores cumpriam funções que não estavam previstas no estatuto

PRÓXIMA AULA

Nesta aula vimos a existência e o funcionamento das irmandades. Na próxima aula veremos as festas, momentos de extrema relevância dessas irmandades.

**AUTOAVALIAÇÃO**

Sou capaz de definir o que é uma irmandade, identificar suas funções e analisar sua importância para os negros nos séculos XVII, XVIII e XIX? E identificar as principais devoções e as razões para as mesmas terem sido as preferidas para os negros?



REFERÊNCIAS

- BOSCHI, Caio. **Os leigos e o poder**. Irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais, SP, Editora Ática, 1986.
- NASCIMENTO, Flávio Santos do. **Um estudo sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Villa do Lagarto** (1856-1875). São Cristóvão, 2009. Monografia de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Sergipe.
- OLIVEIRA, José Machado de. **Devoção negra: santos pretos e catequese no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.
- OLIVEIRA, Maria Inês Cortes de. Viver e morrer no meio dos seus. Nações e comunidades africanas na Bahia no século XIX. **Revista USP**, 28, (1995/96), pp. 174-93.
- OLIVEIRA, Vanessa. **A Irmandade dos Homens Pretos do Rosário: etnicidade, devoção e caridade em São Cristóvão-SE (século XIX)**. 2008. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe
- PINTO, Tânia Maria de Jesus. **Os negros cristãos católicos e o Culto aos Santos na Bahia Colonial**. Salvador, 2000. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia.
- REGINALDO, Reginaldo, Lucilene. **Os Rosários dos Angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista**. Campinas, SP, 2005. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas.
- REIS, João José. Identidade e diversidade étnicas nas irmandades negras no tempo da escravidão. In: **Tempo**, Rio de Janeiro, Relume Dumará, Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, v.2, n.3, jun.1997.
- QUINTÃO, Antônia Aparecida. As irmandades de pretos e pardos em Pernambuco e no Rio de Janeiro na época de D. José I: um estudo comparativo.” In: **Brasil: colonização e escravidão**. Org. Maria Beatriz Nizza da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p.163-176.
- SANTIAGO, Serafim. **Anuario Christovense ou Cidade de São Cristóvão**, São Cristóvão: Editora UFS, 2009.
- SANTOS, Joceneide Cunha. **Entre farinhadas, procissões e famílias: a vida de homens e mulheres escravos em Lagarto, Província de Sergipe (1850-1888)**. Salvador, 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Bahia.
- SILVA, Alberto da Costa. **A manilha e o libambo: A África e a escravidão de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2002.
- SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da cor: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.
- SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de Coroação de Rei Congo**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.